

REVISTA

ANO VIII N° 89
EXEMPLAR GRATUITO

APLAUSO

Guia de teatro

Farsa

Quatro peças
curtas revivem
o gênero
milenar

Jornal do Teatro
Em Cartaz
André Mattos
Antônio Guedes
Barbara Heliodora
Bosco Brasil
Fernando Ceylão
Izabella Bicalho
Jefferson Miranda
Paulo César Pereira

O que precisamos fazer pelo teatro?

“ Há quase meio século que me interesso por teatro em geral e pelo teatro brasileiro em particular, e me pergunto o que houve desde os anos dourados que comentei em meu livro recém-publicado, e a chuva de monólogos que nos atinge. Não é por livre escolha que as pessoas hoje em dia fazem monólogos, peças de dois personagens, até mesmo superproduções de três...

Uma mudança da maior importância é o aumento de montagens de autores nacionais. Por outro lado, na segunda metade do século XX, esses autores eram muito mais voltados para temas relevantes; basta lembrar Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha), Jorge Andrade, Suassuna.

Isso não quer dizer que autores importantes sob esse ponto de vista não tenham aparecido mais recentemente. Podemos lembrar Mauro Rasi e Bosco Brasil, por exemplo, e seria tolo desconhecer que o talento de comédia de Miguel Falabella é tão digno de admiração quanto o de Silveira Sampaio, ambos capazes de críticas inteligentes e gostosas a respeito de nossos pecadinhos...

De algum modo, os governos se perderam e não estimulam o teatro como um veículo cultural significativo: o Ministério da Cultura, por exemplo, opta pela pulverização de suas verbas, usando critérios mais assistenciais do que artísticos. Será que ninguém se lembra de que a qualidade do teatro de Londres e de Nova York são fontes de turismo, além de importantes geradores de empregos e também de impostos?

É fácil dizer “Vamos ao teatro!”; mas a que teatro poderemos ir se os que vivem dele hoje estão sujeitados a condições que desafiam diariamente suas possibilidades de trabalho? Ou será que no Brasil ainda estamos na Europa do século XIX, quando “a arte” devia ser sempre admirada, mas “o artista”, para honrar o título, tinha de morrer de fome? Que daqui por diante um futuro melhor nos espere, tanto para o teatro (e todas as outras artes) quanto para os que ali tentam, com tanto sacrifício e dedicação, ganhar sua vida. ”

Barbara Heliodora, novembro de 2007



Tecnologia de ponta

Uma caixa de vidro fechada – e à prova de som – montada no pátio externo do Oi Futuro é o cenário de *Glass*. Na imensa vitrine tridimensional, contracenam as atrizes Luciana Fróes, Daniele do Rosário, Ângela Câmara e Gisele Fróes. No início de cada sessão são distribuídos aparelhos de MP3 para que o público ouça os diálogos gravados pelas atrizes. A intenção do diretor Haroldo Rego, autor do texto e do cenário, é abordar a tênue fronteira que separa ficção e realidade. A conferir.

Delícia de peça

Uma experiência sensorial é a proposta da Cia de Atores Duplo a quem for à Casa da Glória assistir a *Deflora-te*, baseado em *O Balcão*, de Jean Genet. Os espectadores percorrem o casarão de olhos vendados para avivar os demais sentidos – olfato, paladar, audição e tato. Ao fim do espetáculo, o público é convidado a participar de uma ceia com degustação de vinhos e chocolates. Bom apetite!

Teatro para todos

Até 16 de dezembro, a campanha Teatro para Todos oferece 62 mil ingressos para 57 espetáculos com preços entre R\$ 5 e R\$ 25. Além das unidades móveis, os ingressos serão vendidos nos postos BR, na loja Modern Sound, no site www.ingresso.com, em quiosques na Pça. Cardeal Arcoverde (Copacabana) e Cinelandia, e nas Lojas Americanas de Ipanema, Centro, Barra da Tijuca e Rio Sul. Informações: 2205-0892 e www.teatroparatodos.com.br

Registro

Sérgio Mamberti, Stênio Garcia e José Wilker, entre outros, já confirmaram palestras na Sala Chiquinho Brandão, na Casa da Gávea, um espaço para encenações teatrais e exibição de filmes – sempre ligados ao estudo de teatro. O primeiro ciclo de vídeos mostra o registro das montagens de *O Balcão*, de Jean Genet (1969); *O Arquiteto e o Imperador da Assíria* (1970) e *Cemitério do Automóveis* (1968), de Fernando Arrabal; e *O Amigo da Onça* (1988), de Chico Caruso. Entrada franca.

Jefferson Miranda

Arte em movimento

6 A Cia Teatro Autônomo acaba de completar 18 anos com a mesma curiosidade em buscar novos caminhos para o diálogo entre público e palco que nos motivou a criá-la em 1989. O importante é jamais deixar de investigar o que é essencial no teatro, refletir sobre qual lugar ele ocupa na contemporaneidade. Em 2002, decidimos reformular o nosso trabalho, mesmo sabendo que poderíamos causar estranhamento a quem acompanhava as montagens. Começamos, então, um processo de desintoxicação teatral para nos livrarmos de códigos gastos e vazios. Deixamos de lado os arquétipos, os heróis, as grandes façanhas. A composição artística se alimenta é do cotidiano simples, pois as pessoas são mais interessantes do que os personagens.

A Cia Teatro Autônomo se caracteriza pela integração de idéias e pelo desejo de explorar a arte sempre em movimento. Para o grupo é necessário propor modificações sem dogmatismos, sem que tudo seja apresentado de forma dolorosa. Uma peça divertida pode instigar essa mesma reflexão.



Fundador e diretor da Cia Teatro Autônomo, o ex-astrônomo já encenou dez espetáculos.

Fugimos é da distração pura e simples, pois esta não é a função da arte.

Antes de chegar ao teatro, estudei astronomia. Em determinado momento, percebi que a Astrofísica não me concederia a existência questionadora que a Arte apontava. A reflexão libertária da vida estava no teatro, que abracei de maneira coletiva, porque pertencer a um grupo é a melhor maneira de fazer seu ego desaparecer no trabalho e chegar a uma unidade criadora. Pertencço a um grupo de artistas que se empenhou em reduzir o excesso de expressionismo e do absolutismo em cena para alcançar o mais sensível encontro com o espectador. Na maturidade reconhecemos que a cena, afinal, está na cabeça do público. Cabe a nós tornar esta cena o mais próximo possível das referências desse público.

Gota d'água

Medéia à brasileira: a vingança de uma mulher traída sob a ótica de Chico Buarque e Paulo Pontes

Por Olga de Mello

Em 26 de dezembro de 1975, Paulo Pontes, Chico Buarque e Bibi Ferreira faziam história no palco do Teatro Tereza Raquel com a primeira apresentação de *Gota d'Água*, inspirada na tragédia grega *Medéia*, de Eurípedes. Além de contar com uma das maiores estrelas do teatro brasileiro como estrela, para a peça foram criadas canções que se tornaram clássicos da MPB, como *Basta Um Dia* e a própria *Gota d'Água*. Ao mesmo tempo, o espetáculo levantava o tema da exploração capitalista na luta pela sobrevivência dos moradores de um conjunto habitacional. Mais de trinta anos depois, o drama de Joana, a Medéia de Chico e Paulo Pontes, está no palco do Teatro Glória, na montagem encabeçada por Izabella Bicalho, idealizadora do projeto. A direção é de João Fonseca.

“Tirando alguns termos que não se utilizam mais, mas que soam bonitos e típicos, a única diferença daquela comunidade dos anos 70 para as de hoje é que a peça não menciona, em momento algum, preocupação com a violência. Os personagens são pobres, têm dificuldades em pagar as prestações da casa própria, mas não temem a violência”, observa João Fonseca, responsável pelo corte de mais de uma hora do texto original e, também, pela utilização de duas canções

de Chico Buarque – *Partido Alto* e *O que Será*, por considerar que ambas se inserem na narrativa, que é para ele um dos mais brilhantes trabalhos da dramaturgia brasileira.

Paixão e rejeição

“Paulo Pontes e Chico abusam de artifícios poéticos para falar dos problemas sociais do País. Para estabelecer esse pano de fundo, fortalecendo os personagens secundários, a entrada em cena da protagonista só se dá 40 minutos depois do início da peça. Eles

ainda conseguiram a proeza de driblar a censura, que não percebeu a crítica social e liberou o texto, já que era teatro clássico, a modernização de uma história escrita três mil anos atrás”, lembra Fonseca.

Fã do teatro de tragédia, a atriz Izabella Bicalho viu em *Gota d'Água* a oportunidade de levar ao palco outra de suas paixões – a música de Chico Buarque. Obteve os direitos da montagem, convidou João Fonseca para a direção e decidiu encarar o desafio de recriar Joana. “Deu um certo medo, a gente sempre imagina que virá uma comparação com o trabalho da Bibi Ferreira, mesmo tanto tempo depois”, conta Joana. Para João Fonseca, Izabella conseguiu imprimir o destaque exigido ao personagem, mas soube trabalhar perfeitamente bem em conjunto.



“O elenco é muito equilibrado, cada ator dá espaço para o crescimento do outro no momento preciso. Existem dois elementos muito fortes nesse espetáculo. Um, indiscutivelmente, é a música do Chico, que o público conhece e admira. O outro é a tensão da trama criada há três mil anos e que reflete sobre a paixão e a rejeição, sentimentos que sempre existiram e sempre existirão.”

Tragédia milenar

Ao partir da lenda sobre a feiticeira que mata os filhos para punir o marido que a trocou pela filha do Rei Creonte, Eurípedes criou, em 430 antes de Cristo, um dos mais impressionantes personagens da literatura ocidental. Arquétipo da mulher rejeitada, movida pelo desespero que só se aplaca com a vingança, Medéia mata os filhos e também a rival, a quem envia uma roupa enfeitada.

Em *Gota d'Água*, Chico Buarque e Paulo Pontes transformaram Creonte – vivido por Thelmo Fernandes – no inescrupuloso construtor do conjunto habitacional que pretende fazer do futuro genro, o sambista Jasão (interpretado por Lucci Ferreira), seu sucessor. A magia de Joana está na umbanda, da qual é praticante, e que a faz temida por Creonte, que a quer longe dos outros moradores. Quando recebe ordem de despejo de Creonte, Joana dá aos filhos o bolo envenenado que a filha de Jasão devolveu sem provar. A Medéia da lenda sobrevive aos assassinatos que comete, volta a casar-se e tem mais um filho. Nossa Joana segue um outro caminho...



VOCÊ ESTÁ AQUI

**Cinco sociopatas, cinco histórias.
Uma crítica sobre doenças bem contemporâneas**

Há cerca de um ano, começou a gestação de *Você Está Aqui*, peça de Fernando Ceylão composta por cinco monólogos e que inicia uma temporada de três meses no Teatro Candido Mendes. “O ator precisa ser seduzido pelo monólogo para não torná-lo uma recitação de texto. Esse processo de sedução tem seu período determinado por cada artista que deseja criar uma relação duradoura com seu personagem”, acredita Fernando Ceylão, diretor do espetáculo, que traz no elenco o veterano Paulo César Pereio, as atrizes gêmeas Michelle e Giselle Batista, Remo Trajano e duas estreantes nos palcos: a top model Gianne Albertoni e a VJ da MTV Luisa Micheletti.

Sem conexão

Ao longo do período em que trabalhou individualmente com os atores – os ensaios foram iniciados em janeiro –, Ceylão procurou

ajustar cada história às personas públicas do elenco. Pereio faz um “outsider cult”, enquanto Luisa Micheletti interpreta uma apresentadora de televisão. As referências também podem ser opostas. Gianne Albertoni está na pele de uma obesa mórbida, desesperada com sua própria imagem. “Gianne é a faceta interior daquela personagem, uma mulher destruída moralmente por não corresponder ao ideal estético contemporâneo”, explica Ceylão, que não quis estabelecer pontos comuns entre cada monólogo. “Todos sofrem com as sociopatias, tão características desta nossa época em que a privacidade é um conceito muito fluido. Mesmo assim, são casos diferentes, sem qualquer interligação temática. Acho que o teatro é mais interessante sem conexões. Os quadros abertos propiciam mais profundidade.”

No cenário, coberto por anúncios de moda e outras referências contemporâneas, está

a complementação do conteúdo do texto, explica Fernando Ceylão, que teve a intenção de transformar o espetáculo em uma instalação artística. A cada monólogo, as imagens se modificam. “Eu queria que as imagens tivessem tanto peso quanto o que é dito pelos atores, instigando a percepção do espectador. No monólogo da obesa, Gianne fica girando no centro de um círculo rodeado por luzes que remetem a vitrines, caixas de música, bolos de festa. Espelhos deformam sua silhueta e percebemos que a figura delgada da modelo é o passado daquela mulher. Os discursos vividos continuam presentes nas mentes dos personagens. Cada ator está representando não o indivíduo, mas seu ideal, a maneira como eles se vêem.”

Vaidade

Os textos falam sobre violência, sexualidade e vaidade, sempre sob o ponto de vista atual. “Existem contrapontos cênicos para tratar de sociopatias. A obsessão pela beleza e pela moda ficam leves e até tendem a ser caricatas ao lado de temas mais den-

so. Todas as cenas procuram essa leveza, alguma graça, mas de repente o público é derrubado com uma rasteira. O comêco se aproxima do trágico com muita facilidade na vida real”, diz Fernando Ceylão.

Violência

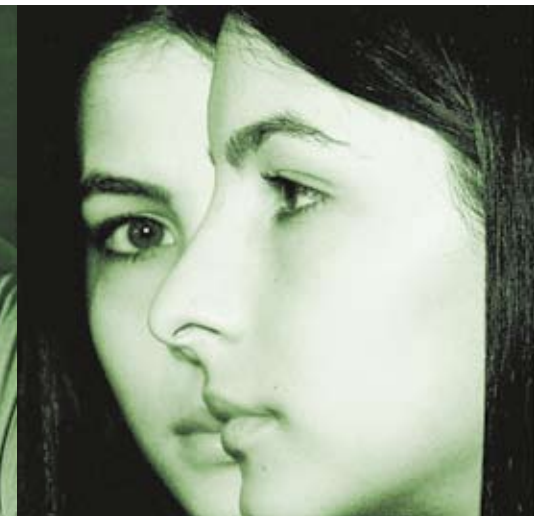
A necessidade de autoexposição na mídia também está na peça através da apresentadora de televisão, que conta, ao vivo, como assassinou um homem. Ela escolhe um desconhecido para matar, alguém sem qualquer importância, pois quer sentir a excitação de cometer um ato de violência. “Assistir Luisa, uma VJ, vivendo uma mulher de televisão, é outro ponto que intriga o público.”

Sexualidade

Da mesma maneira, Ceylão conta que quis discutir “o duplo e as projeções de cada um no seu interlocutor” destinando às atrizes gêmeas Gisele e Michelle Batista o monólogo da adolescente que levanta os tabus da opção sexual e do incesto quando se envolve afetivamente com a enteada de seu pai.



FOTOS: DESIRÉE DO VALLE / DIVULGAÇÃO



FARSA

Quatro peças curtas relembram mestres do gênero: Cervantes, Tchékhov, Molière e Martins Pena

Por Olga de Mello



FOTOS: FABRÍCIO BARRIETO / DIVULGAÇÃO

Nascida na Grécia Antiga, quando nos intervalos entre as apresentações de tragédia eram encenados os então chamados dramas satíricos, a farsa foi considerada por muito tempo um gênero menor da dramaturgia. “É da farsa que deriva toda a tradição da comédia ocidental. Nela estão arquetipos que até hoje são invocados para provocar o riso”, diz o ator Marcos Breda, produtor e um dos integrantes do elenco de *Farsa*, em cartaz no Sesc Ginástico.

O espetáculo é parte de um projeto de dez anos de pesquisas sobre comédia, desenvolvido por Breda, Maria Helena Alvarez e Luiz Arthur Nunes, que já se debruçaram sobre a comédia dell'arte em 2002, com a montagem de *Arlequino*,

Servidor de Dois Patrões, e o melodrama em 2004, quando encenaram *A Maldição do Vale Negro*.

Clássicos

“No fim dos anos 90, começamos a investigar as diferentes vertentes da comédia ocidental e conseguimos o apoio da Refinaria Alberto Pasqualini, da Petrobras, para montarmos cinco peças no período de dez anos, promovendo ainda oficinas e estudos sobre cada tipo de representação para alunos e professores de teatro das cidades onde nos apresentamos”.

Algumas características da farsa, como o histrionismo nas interpretações e o ritmo vertiginoso da ação, podem ser comprova-

das no espetáculo que reúne quatro peças curtas. Fascinado por espetáculos de variedades, o diretor Luiz Arthur Nunes optou por encenar peças breves da modalidade burlesca que tivessem “a idade do teatro”. A escolha foi de textos de mestres da dramaturgia, pois “quando gênios como Cervantes, Tchekhov, Molière e o nosso Martins Pena tocam a farsa com seu dedo, ela atinge elevados níveis de humor, sátira, paródia, ironia e graça”, diz Luiz Arthur.

Herança

Atribuída a Cervantes, mas sem comprovação histórica, o “entremez” – peça curta apresentada no intervalo de encenações mais longas – *Os Faladores* conta a história de um homem desesperado com sua mulher tagarela. *O Urso*, um dos maiores sucessos

de Anton Tchecov, mostra o nascimento da paixão entre um casal sem qualquer afinidade aparente. Em *O Médico Saltador*, de Molière, um criado matreiro ajuda um casal de namorados. *Os Ciúmes de um Pedestre* ou *O Terrível Capitão do Mato*, de Martins Pena, também mostra as artimanhas de casais apaixonados para burlar a vigilância de um marido e pai ciumento.

“A exuberância tornou a farsa um gênero extremamente popular, tendo criado personagens até hoje recorrentes na dramaturgia, como o empregado trapaceiro e o velho avarento. O espetáculo mantém uma linguagem bastante fiel à original, além de obedecer à estrutura do texto”, conta Breda, que divide o palco com Cláudia Ohana, Luciana Braga, Bianca Byington, Sérgio Marone e Mário Borges.



Através dos tempos

A palavra “farsa” vem de um termo culinário latino que significa “recheio”. O gênero teatral adquiriu esse nome a partir do costume medieval de “condimentar” os espetáculos religiosos com momentos profanos de comédia rasgada. No século XV, a farsa conquistou a popularidade em peças de cenas curtas, com um único cenário, poucos adereços, performance movimentada e altas doses de comicidade, que inspiraram Shakespeare, Molière e os saltimbancos da *commedia dell'arte* italiana. O apogeu chega no século XIX, quando o *vaudeville* de Labiche e Feydeau traz personagens rudimentares em tramas cada vez mais elaboradas. Charles Chaplin, Buster Keaton, Harold Lloyd e os irmãos Marx levaram a farsa para as primeiras comédias cinematográficas. Após a Segunda Guerra, alguns dos ícones do Teatro do Absurdo, como Ionesco, Jean Genet, Harold Pinter e Samuel Beckett, se apropriaram de recursos farsescos para traduzir sua visão amarga da existência.



A mulher que escreveu a Bíblia



O que é mais importante: a beleza ou a sabedoria? Com a palavra, o Rei Salomão...

Em busca de soluções para seus problemas, uma mulher contemporânea faz terapia de vidas passadas e descobre que há três mil anos foi uma das autoras do maior best seller da Literatura Ocidental.

Este é o fio condutor de *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, monólogo protagonizado por Inês Vianna, baseado em romance de Moacyr Scliar. O espetáculo reflete sobre as angústias femininas – e de boa parte da

humanidade – a partir da supervalorização da beleza em detrimento da sabedoria. “É difícil resumir o tema desenvolvido pelo Scliar, criador de uma narrativa encantadora e divertida que discute questões que existem desde a Antiguidade ou, talvez, a partir do primeiro grupo de homens no planeta”, diz a escritora Thereza Falcão, que no período de pouco mais de um mês fez a adaptação do texto original, um volume de mais de 200 páginas.

“Foi uma correria. Felizmente, eu já havia lido o livro duas vezes antes de começar a adaptá-lo”, conta Thereza, que teve de obedecer ao prazo exíguo para aproveitar uma brecha na programação do Espaço Sesc. “Eu pretendia encenar o espetáculo em 2008, mas saiu da reunião de apresentação do projeto com a proposta aceita e com a estréia marcada para dali a pouco mais de um mês. Foi um trabalho de equipe, muito preciso, com um encaixe perfeito”, conta Guilherme Piva, que concebeu a montagem, seu primeiro trabalho em direção.

Rosto coberto

Um dos trunfos do texto para conquistar o espectador, acredita Thereza Falcão, está no emprego da linguagem contemporânea para descrever situações experimentadas na Jerusalém do século X antes de Cristo. Naquela época, a protagonista da peça, que não tem o nome revelado, foi uma das 700 mulheres do Rei Salomão. E como a

história é contada através da mulher que ela é atualmente, todas as observações têm comentários de alguém do terceiro milênio da Era Cristã.

A protagonista do passado seria apenas mais uma das mulheres do harém de Salomão, personagem importante no Velho Testamento, conhecido por seu senso de justiça. Motivos políticos ou financeiros o levam a casar-se com a mulher que só lhe desperta repulsa. Extremamente feia, ela costuma cobrir o rosto com um véu. Ao saber que a mulher que desprezara é culta, Salomão a encarrega de transcrever sua história para o livro que, séculos depois, estará na Bíblia. E aos poucos, a mulher conquista o respeito do Rei e de toda a sociedade, que passa a encará-la como sábia.

A inspiração

O gaúcho Moacyr Scliar, um dos mais respeitados escritores brasileiros, e que se destaca pela irreverência e pela lembrança de elementos de suas raízes judaicas em suas histórias, baseou-se na hipótese levantada pelo crítico de literatura norte-americano Harold Bloom de que uma mulher teria sido a autora da primeira versão da Bíblia. O romance foi publicado em 1999 pela Companhia das Letras e trata, além de conflitos femininos, do prazer que o trabalho – e o ato de escrever – podem proporcionar.

3 x Bosco Brasil



FOTOS: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

A temporada carioca traz três espetáculos assinados pelo escritor: *Cheiro de Chuva*, *Diário de um Louco*, *Abelardo e Berilo*

Por Olga de Mello

Bosco Brasil garante que foi uma coincidência de agendas que o transformou no autor/diretor/adaptador mais encenado esta temporada no Rio de Janeiro. Acumula autoria e direção de *Cheiro de Chuva*, é o responsável pela adaptação para o palco do conto *Diário de um Louco*, de Nikolai Gogol, e também escreveu o texto de *Abelardo e Berilo*. “Para mim até que é fácil. Quem precisa se desdobrar para sair de um personagem e entrar em outro é o André Mattos, que tem sessões quase simultâneas do *Diário* e de *Abelardo*. O Ricardo Kosovski, que dirige os dois espetáculos, também

precisa acompanhar essa movimentação toda”, conta Bosco.

As três peças têm universos totalmente diferentes. *Cheiro de Chuva*, que está no Teatro Maison de France, é um drama romântico em que Marcello Escorel e Tânia Costa representam um casal apaixonado, mas que não se comunica. Na Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon, a comédia *Abelardo e Berilo* traz André Mattos como um coveiro espertalhão, que tem seus rendosos negócios semi-escusos ameaçados com a chegada ao cemitério de um novo superintendente (Marcos Pasquim e Leonardo Brício se revezam no

papel). Às sextas-feiras e sábados, meia hora depois do encerramento da comédia, André Mattos volta ao palco vivendo o funcionário público que analisa sua vida, no monólogo *Diário de Um Louco* escrito por Bosco. O escritor diz se sentir como um pai de trigêmeos: está satisfeito com os resultados alcançados pelos três espetáculos, mas incapaz de definir qual é seu favorito.

Lembranças

“Nem deu tempo para verificar de qual eu gosto mais”, afirma Bosco, que imaginou uma história de amor dentro de uma aula de dança de salão em *Cheiro de Chuva*, com personagens que não conseguem se declarar à medida que ensaiam uma coreografia. A idéia surgiu na época em que o próprio escritor matriculou-se em um curso de dança. “Queria mostrar essas paixões inconfessadas e pensei no casal que se toca, mas não se comunica”.

Abelardo e Berilo remete a recordações da infância, quando Bosco acompanhava a mãe ao cemitério. “Aquele ambiente sempre me pareceu divertido – todo cemitério tem um túmulo de uma santinha milagreira! Também sempre fiquei intrigado com a única cena cômica em *Hamlet*, no início do quarto ato, quando há uma conversa entre os coveiros. Juntando tudo, cheguei ao meu coveiro, um personagem meio vigarista, que se contrapõe ao tecnocrata ambicioso. Nesta peça e no *Diário*, contei com o talento do André, que consegue dar leveza à tragédia, mostrando a agonia do ponto de vista de um louco e não de quem o observa”, diz Bosco.

Dupla jornada

No início de sua carreira, André Mattos chegou a participar de quatro sessões diárias, no fim de semana. “Agora são apenas



>> duas sessões seguidas, mas a maturidade trouxe uma consciência maior da responsabilidade na interpretação”, observa o ator, que tem apenas um intervalo de trinta minutos para sair da pele do cozeiro Abelardo e encarnar o funcionário público angustiado criado por Gogol. “Não é cansativo, porque é uma escolha e um exercício maravilhoso”, diz André, que já participara da montagem paulista de *Abelardo e Berilo*. “Eu e Marcos Pasquim queríamos fazer teatro juntos desde que trabalhamos na série de televisão *O Quinto dos Infernos*. Buscamos um espetáculo leve, mas que provocasse a reflexão, que não fosse uma mera repetição dos papéis de galã que o Marcos sempre faz em TV ou dos tipos bufões que eu já vivi. Quando viemos para o Rio, Leonardo entrou na peça para permitir que o Marcos cumprisse outros compromissos em São Paulo”, conta.

Frustração fatal

Único texto de Gogol escrito na primeira pessoa, *Diário de um Louco* é narrado pelo funcionário público Propritchine, encarregado de apontar penas de escrever na repartição onde trabalha. Sem perspectivas, ele cria um mundo de fantasia do qual é o rei, enquanto enlouquece gradativamente. O texto aborda as causas sociais da loucura, mostrando a destruição da personalidade de um homem sem acesso a uma realidade desejada. Considerado o pai da literatura russa moderna, Gogol foi um crítico feroz das diferenças e das injustiças sociais.

N ã O P E R C A

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBODIVULGAÇÃO

Historiettes

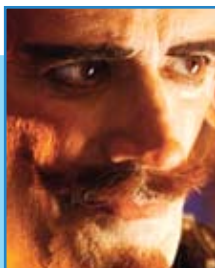
Além de mostrar ao público o universo criado por Guy de Maupassant, um dos grandes observadores da sociedade do século XIX, a peça traz trabalhos primorosos de Ana Paula Novelino e Carla Andréa.

Cristina Pereira, atriz

7, o Musical

Um espetáculo absolutamente imperdível, tanto pelo elenco de atrizes e cantoras quanto pelo alto nível da montagem. Tenho paixão por musicais, trabalhei em diversos deles e vejo com muito prazer essa nova safra de espetáculos, que dão vazão à grande musicalidade dos brasileiros.

Betty Faria, atriz



Cada um com seus pobrema

A comédia é o gênero mais difícil para o ator, pois divertir e provocar o riso exigem muito mais empatia com o espectador do que o drama. Os nove personagens vividos por Marcelo Médici são totalmente diferentes uns dos outros e levam o público a sair do teatro ainda sorrindo.

André Valli, ator

Frida

Vale a pena conferir a interpretação de Rosamaria Murtinho, brilhante na pele da pintora mexicana, e também a direção de Caco Ciocler, moderna e inovadora.

Milena Toscano, atriz



7 - O MUSICAL

Misturando elementos de contos-de-fada com música de Ed Motta, a nova produção de Cláudio Botelho e Charles Möeller discute envelhecimento, amor e perda sob a ótica feminina. Texto e direção: Charles Möeller. Com Alessandra Maestrini, Ida Gomes, Zezé Motta, Rogéria, Eliana Pittman. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n, Centro) Fone: 2221-0305. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.).

ABELARDO E BERILO

Um cozeiro precisa atender às determinações de seu novo chefe. Texto: Bosco Brasil. Direção: Ricardo Kosovski. Com André Mattos, Marcos Pasquim e Leonardo Brício. **Teatro Leblon - Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, loja 104) Fone: Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30, R\$ 50 (qui.,sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.).

ANJO MALAQUIAS

A vida do poeta Mário Quintana, através de seus poemas e cartas. Texto: Mário Quintana. Roteiro: Elói Calage e Afonso Drummond. Direção de Delson Antunes. Com Afonso Drummond e Fabrício Polido. **Centro Cultural da Justiça Federal** (Avenida Rio Branco,

241, Centro) Fone: 3212-2550. Quinta a Domingo às 19h, R\$ 20. De 19 de outubro a 16 de dezembro.

AUTO DE ANGICOS

A última noite de Lampião e Maria Bonita, apossados pela polícia em Alagoas. Texto: Marcos Barbosa. Direção: Amir Haddad. Com Marcos Palmeira e Adriana Esteves. **Espaço Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira 160, Copacana). Fone: 2548-1088. Quinta a sábado, 21h. Domingos, 19h30. R\$ 12.

O BEM-AMADO

O prefeito Odorico Paraguaçu quer inaugurar o cemitério de Sucupira, a maior obra de sua gestão, mas ninguém morre na cidade. Texto: Dias Gomes, com adaptação de Cláudio Paiva e Guel Arraes. Direção: Enrique Diaz. Com Marco Nanini, Bel Garcia. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º piso, Shopping da Gávea, Gávea) Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 70 (qui. e sex.) e R\$ 80 (sáb. e dom.).

BENT

O drama de Martin Sherman mostra a perseguição aos homossexuais pelos nazistas e o cotidiano nos campos de concentração. Direção: Luiz Furlaneto.

Teatro Leblon - Sala Tonia Carrero (Rua Conde de Bernadotte, 26, loja 104), Fone: 2274-3536. Com Augusto Zacchi, Gustavo Rodrigues, Rodrigo Pandolfo. Terça e quarta, 21h. R\$40.

BOOM

Jorge Fernando faz um cientista esotérico, com poderes paranormais, que incorpora diferentes espíritos. Texto: Luís Carlos Góes. Direção: Marcus Alvisi. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, loja 116/117, Barra da Tijuca) Fone: 3325-1645. Sexta e sábado: 21h. Domingo, 20h30. R\$50 (sex e sab) e R\$40 (dom).

CADA UM COM SEUS POBREMA

Comédia de esquetes escrita por Marcelo Médici, que interpreta nove personagens. Direção: Ricardo Rathsan. **Teatro Leblon - Sala Marília Pera** (Rua Conde de Bernadotte, 26, loja 104), Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h. R\$ 50 (sex. e dom.), R\$ 60 (sáb.).

AS CENTENÁRIAS

Duas carpideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com

Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quintas, sextas e sábados, 21 h. Domingo, 20 h. R\$ 50 (qui., sex. e dom.). R\$ 60 (sáb.).

O CHÁ

Três damas da alta sociedade se reúnem para conversar e refletir sobre suas vidas. Texto e Direção: Luciana Mitkiewicz. Com: Carla Soares, Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52/3º piso, Shopping da Gávea) Fone: 2274-7246. Quinta a domingo, 19h. R\$ 30 (qui. e sex.), R\$ 40 (sáb. e dom.).

CHEIRO DE CHUVA

Um homem se apaixona pela professora de dança que lhe ensina uma coreografia para apresentar na festa de 25 anos de casamento. Texto e direção: Bosco Brasil. Com Marcello Escorel e Tania Costa. **Teatro Maison de France** (Avenida Presidente Antônio Carlos, 58, Centro) Fone: 2544 2533. Terças e Quartas às 20h. R\$ 30.

CONTOS DA TERRA DOS MIL POVOS

Contos, lendas e histórias da tradição oral brasileira, de sabedoria indígena, africana e portuguesa, adaptados e interpretados por Priscilla Camargo.

Supervisão Cacá Mourthé. Teatro Sesi (Graça Aranha 1, Centro) Fone: 2563-4455. Terça e quarta, 19h. R\$20.

DEFLORA-TE

Uma experiência sensorial para o público, que acompanha parte do espetáculo de olhos vendados. Baseado em Jean Genet, uma criação da Cia de Atores Duplo. **Casa da Glória** (Ladeira da Glória, 98, Glória). Fone: 2245-4228. Quinta, 21h. Sexta e Sábado, 23h. R\$ 30.

DEPOIS DAQUELE BAILE

Dois homens querem conquistar uma viúva. Texto: Rogério Fallabela. Direção: Daniel Dias da Silva. Com Françoise Forton, Adriano Reys e Wilmar Amaral. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** ((Rua Conde de Bernadotte, 26, loja 104), Fone: 2274-3536) Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R\$ 30.

DIÁRIO UM LOUCO

Bosco Brasil assina a adaptação do conto de Nikolai Gogol sobre um funcionário público que enlouquece, enquanto tem delírios de poder. Direção: Ricardo Koslovski. Com André Mattos. **Teatro Leblon – Sala Tonia Carrero** (Rua Conde de Bernadotte, 26, loja 104), Fone: 2274-3536. Sex-

ta e sábado, 23h30. R\$ 30.

ENSAIOS DE MULHERES

Os bastidores de uma decadente orquestra feminina. Texto: Jean Anouilh. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônaco. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone 2247-6946. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20,00 (qui.) e R\$ 30,00 (sex. a dom.).

ERES KIGAL

Atores interpretam esculturas que contradizem com o público, refletindo sobre a criação. Texto e Direção: Camila Diehl. Com Wendell Soares, Lucas Valentim, Camila Diehl. **Casarão da Bambina** (Rua Bambina 141, Botafogo) Fone: 9811-5523. Sextas e sábados, 21h. Domingos e segundas, 20h. R\$15.

AS ERUDITAS

Duas jovens enfrentam as dificuldades de um casamento arranjado. Texto: Molière. Direção: José Henrique Moreira. Com Jacqueline Laurence, Gláucia Rodrigues, Nildo Parente e a Cia Limite 151. **Teatro do Sesi** (Avenida Graça Aranha 1, Centro) Fone: 2563-4455. Quinta e sexta, 19h. Sábados e domingos, 19h30. R\$ 40.

FARSA

Coletânea de peças cômicas e curtas de Cervantes, Tchecov, Molière e Martins Pena. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com Marcos Breda, Bianca Byington, Cláudia Ohana, Luciana Braga, Mário Borges e Sérgio Marone. **Teatro Sesc Ginástico** (Avenida Graça Aranha, 187, Centro) Fone: 2279-4027 Quinta a domingo, 19h, R\$ 25.

FRIDA KAHLO

Rosamaria Murtinho e Zulma Mercadante interpretam a pintora mexicana. Texto de Meire Rioto. Direção de Caco Ciocler. Com Cássio Pandolfi, Marcelo Torreão. **Teatro Villa-Lobos** (Avenida Princesa Isabel, 440, Copacabana) Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingos, 20h. R\$ 50.

GLASS

Texto e direção de Haroldo Rego. A imobilidade como experiência objetiva e subjetiva. Criação e interpretação Gisele Fróes, Luciana Fróes, Daniele do Rosário e Ângela Câmara. **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. Quinta a domingo, 20h. R\$ 10.

GOTA D'ÁGUA

A tragédia clássica de Medéia transportada para a realidade de um

conjunto habitacional carioca por Paulo Pontes e Chico Buarque. Direção: João Fonseca. Com Izabella Bicalho, Thelmo Fernandes, Lucci Ferreira, Kelsy Eckard. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo. 19h. R\$ 25.

HISTORIETTES

Baseado em textos de Guy de Maupassant, o drama dirigido por Wilson Belém fala no reverso sombrio do ser humano. Com Ana Paula Novellino e Carla Andréa. **Teatro Ziembinski**. (Avenida Heitor Beltrão, S/N, Tijuca) Fone: 2254-5399. Quinta e sexta, 21h. R\$ 6.

O MANIFESTO

Um general conservador e uma progressista *lady*, casados há 50 anos, tentam superar as diferenças de temperamento e ideologia política. Texto: Brian Clark. Tradução e Direção: Flávio Marinho. Com Eva Wilma e Othon Bastos. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 50 (sex.), R\$ 60 (qui. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

MEU FILHO É UM DOCE

Os pais de um menino diabético des-



cobrem como enfrentar a doença com bom humor. Texto e Direção: Claudia Valli. Com Antonio Fragoso, Claudia Paiva, Duaia Assumpção. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, 3º piso). Fone: 2274 -9696. Terças e Quartas, 21h. Quintas, 17h. R\$ 25.

A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA

Thereza Falcão adaptou o romance de Moacyr Scliar sobre uma mulher que descobre ter sido uma das 700 esposas do Rei Salomão. Direção: Guilherme Piva. Com Inês Viana. **Espaço Sesc** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana) Fone: 2547-0156. Quinta e domingo, 20h. Sexta e sábado, 21h30. R\$ 12.

A RUA DO INFERNO

Três funcionárias de um supermercado revelam, em conversas, seus desejos e frustrações. Texto: Antonio Onetti. Direção: Antonio Guedes. Com Ana Alkimin, Fernanda Maia e Viviana Rocha. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Planetário da Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20.

TERAPIA DO RISO

Espectáculo mostra o primeiro dia de

terapia de um grupo de personagens surtados. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui. e sex.) e R\$ 35 (sáb. e dom.).

VALENTE!

O encontro imaginário entre Carmem Miranda, Madame Satã e Assis Valente nos momentos que antecedem o suicídio do compositor. Texto de Anamaria Nunes. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudio Villela, Márciah Luna Cabral e Nill Marcondes. **Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro) Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10.

VOCÊ ESTÁ AQUI

As sociopatias contemporâneas em cinco monólogos independentes. Texto e direção de Fernando Ceylão. Com Paulo César Pereio, Gianne Albertoni, Luisa Micheletti. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joanna Angélica, 63, Ipanema) Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h, R\$ 30.

Mirai

O restaurante **Mirai** é pequenino, mas muito aconchegante. E a comida, excelente. Uma ótima opção depois de você assistir a peça *Você Está Aqui*, no Teatro Cândido Mendes.

Comece com os rolinhos primavera e siga com um nirá, que vem muito bem temperado. Os sashimis de salmão são perfeitos, assim como as especialidades: *makimaximo*, com salmão, e *ika roll*, com camarões e molho teriaki.

Para acompanhar, caipirinhas de frutas variadas com saquê ou vodca, ou o Champagne Chandon Baby, que harmoniza muitíssimo bem até para quem não curte muito uma comida à base de crus. Aliás, você já viu champagne não harmonizar? Impossível.

Rua Dias Ferreira, 116, Leblon
Fone: 2511-1476

Carême Bistrô

Depois de assistir *Farsa*, no Teatro Ginástico, vá até Botafogo e jante no **Carême Bistrô**, um restaurante bastante charmoso e com uma comida francesa deliciosa.

Peça de entrada qualquer opção de *foie-gras*, sempre uma pedida certa. Siga com um bom filé mignon no vinho tinto, batatinhas douradas com cogumelos Paris, bacon e cebolas crocantes. Não deixe de provar as sobremesas: os doces com chocolate são uma perdição.

Rua Visconde de Caravelas, 113, Botafogo
Fone: 2537-2274

Aquim

Agora uma dica para antes do teatro: passe na loja **Aquim**, no Leblon, e encomende uma caixa com até 25 unidades de canapés quentes e frios, que você combina como quiser.

Tem abacaxi em crosta de especiarias com emmenthal, mil-folhas de maçã verde com manjeriço e camarão, *foie-gras* com composto de figo em vinho do porto, e

por aí vai... Há também terrines, quiches, croquetes deliciosos e diferentes, sanduíches. Isso sem falar nos chocolates e pâtisseries, apresentadas como jóias.

Marque com seus amigos para depois do teatro degustarem essas delícias juntos...

Rua Ataulfo de Paiva, 1321, loja C
Fone: 2274-1001

VALENTE!



Uma vida onde a tristeza, a alegria e a coragem se encontram

O suicídio do compositor Assis Valente, em 1958, o inscreveu definitivamente na galeria dos personagens trágicos da cultura brasileira. Festejado autor de grandes sucessos imortalizados por Carmem Miranda, como *Camisa Listrada*, ele é o protagonista do musical *Valente!*, em cartaz no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil até dezembro. No espetáculo, minutos antes de morrer, em um banco da Rua do Russel, na Glória, o músico é procurado pela cantora Carmem Miranda e pelo travesti Madame Satã, que recordam suas carreiras enquanto discutem o sentido da vida.

Um admirador de musicais, o diretor Fábio Pillar adverte que este não é um espetáculo tradicional

do gênero. “A estrutura é a de um musical brasileiro, diferente do estilo consagrado pelos norte-americanos. Tenho um grande interesse no musical brasileiro, que ganhou força na década de 80, e incentivou a uma formação mais ampla dos atores de teatro. Esse tipo de musical geralmente emociona mais porque toca nas recordações do público, que reconhece as canções de sua infância e faz associações afetivas importantes a partir do espetáculo. *Valente!* suscita esses sentimentos, mas também propõe uma reflexão maior, sobre a vida, o que poucos musicais já fizeram”, diz o diretor.

Esperança

Embora tenha como pano de fundo o Brasil da década de 50, o texto de Ana Maria Nunes discute temas ainda muito atuais – o uso da violência, o crescimento e o conseqüente poder dos meios de comunicação, o dilaceramento das relações pessoais. Das doze músicas do espetáculo, nove são cantadas por Márciah Luna Cabral, representando Carmem Miranda, e duas por Nill Marcondes, que faz Madame Satã. Cláudio Vilella, o intérprete de Assis Valente, canta uma música.

O espetáculo não discute as causas do suicídio do compositor, que já havia tentado se matar outras vezes. “Hoje, ele certamente seria acompanhado por psiquiatras e faria algum tipo de tratamento para equilibrar sua instabilidade emocional. Não há uma análise sobre a vida dele, de suas tristezas, de seu sentimento de rejeição. Ao contrário, os personagens mostram que aquele era o momento de deixar de lado as coisas ruins e passar para outra etapa. Nem que essa etapa

significasse partir de encontro à morte”, explica o diretor, que ressalta a abordagem leve de Ana Maria Nunes sobre o assunto.

A proposta de uma reflexão a partir do encontro imaginário entre os arquétipos da frustração, que Valente representa; da alegria, associada à Carmem; e da coragem, que está em Madame Satã, conduz a uma conclusão quase unânime, a de que viver vale a pena. A mensagem é de esperança.

Vida atribulada

Ainda menino, o baiano José de Assis Valente foi levado da casa dos pais para viver com outra família. Trabalhou em uma farmácia, juntou-se a uma companhia de circo e, em Salvador, também estudou Desenho, além de aprender a montar próteses odontológicas. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, foi desenhista de diversas publicações e trabalhou como protético, antes de se dedicar à música. Bem sucedido profissional e artisticamente, Assis Valente tentou se suicidar várias vezes. Em 1941, meses após o nascimento de sua filha e do fim de seu casamento, jogou-se do Corcovado, mas ficou preso em uma árvore. Na tarde de 10 de março de 1958, morreu depois de beber guaraná com formicida. Assis Valente jamais escondeu sua melancolia na música. A letra da canção natalina *Boas Festas*, composta em 1932, duvida se Papai Noel pode atender a seu pedido de Natal: felicidade. O público que for ao CCB, no entanto, deverá sair animado do teatro. A última canção do espetáculo é um samba-exaltação.



A rua do inferno

Três mulheres, seus desejos e os pequenos grandes dramas do dia-a-dia

Por Olga de Mello

O universo de Antonio Onetti, um dos mais elogiados autores espanhóis da atualidade, com suas situações cotidianas tratadas com dramaticidade e humor, chega ao Brasil em *A Rua do Inferno*, que fica até dezembro no Teatro Maria Clara Machado (Planetário). Para o diretor Antônio Guedes, do Teatro do Pequeno Gesto, a peça é uma fábula urbana que explora as tragédias humanas sem

deixar de lado a comicidade de situações que podem ser vividas em grandes ou pequenas cidades, sejam brasileiras ou espanholas.

“Onetti trabalha a estrutura narrativa construindo um diálogo no qual existe a participação do espectador como interlocutor permanente, sem que isso venha a romper a armação ficcional. Embora a ação desta peça possa deslocar-se para qualquer

lugar, preferimos mantê-la em Sevilha, como no texto original, com todas as referências àquela cidade”, conta Guedes.

Disputa

A peça tem à frente do elenco as atrizes Ana Alkimin, Fernanda Maia e Viviana Rocha, que sugeriram a montagem do texto para comemorar os 15 anos do grupo. O espetáculo mostra diferentes quadros em que três jovens mulheres, funcionárias de um supermercado, revelam suas frustrações e desejos, enfatizando a solidão no mundo

moderno. Através da conversa, descobre-se que uma delas caiu ou pulou da roda-gigante do parque de diversões montado na Feira de Sevilha. A queda da mulher estaria relacionada à descoberta de que todas as três se relacionam com o mesmo homem, marido de uma e amante da outra.

Para o público brasileiro, a peça pode remeter a *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, por utilizar planos diversos para a dimensão da realidade e da lembrança. “A diferença é que todos os planos de Onetti se mostram como uma realidade cênica, sem o véu da dúvida. As ‘doenças’ apresentadas são bastante parecidas; mas as abordagens, diferentes”, observa Antonio Guedes. Onetti, por exemplo, evita o olhar ou a crítica masculina às idiossincrasias femininas expostas na peça.

“É muito freqüente nos depararmos com esse mundo feminino percebido pelo homem, que constrói personagens de grande força dramática que simbolizam a universalidade, por vezes, de forma mais efetiva que os masculinos. Essas mulheres são sofridas, cada uma quer suplantar a outra não apenas na atenção do homem, mas também vencendo um concurso de dança”, conta Antonio Guedes.

O nome

A Rua do Inferno é o local em que todos os anos, geralmente em abril, realiza-se a famosa Feira de Sevilha. Durante uma semana, há uma série de atividades: touradas, festival gastronômico, bailes e uma competição de sevilhanas, as danças típicas da Andaluzia.

CENA ABERTA



Aurora da Minha Vida, 1982, Teatro de Arena. Com Pedro Paulo Rangel, Marieta Severo, Roberto Arduin, Carlos Gregório, Cidinha Milan, Mario Borges, Analu Prestes e Estela Freitas



Coleção os últimos 9 anos de teatro



Assine Aplauso!



**Assinatura
semestral**

R\$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2233-6648 e 2263-1372 ou
e-mail: comunicacao@aplauso.art.br

Coleção completa de Aplauso por R\$ 240!

www.aplauso.art.br

*Sem o apoio
de vocês, não
voaríamos
tão longe...*



*O Galpão Aplauso
agradece!*